

Artigo

**A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER: FATORES E POSSIBILIDADES DE
ENFRENTAMENTO**

**THE COVID-19 PANDEMIC AND ITS IMPACT ON VIOLENCE AGAINST
WOMEN: FACTORS AND POSSIBILITIES OF CONFRONTATION**

Carlos Emanuel Cardoso de Lima¹

RESUMO - Esta pesquisa versa sobre o impacto da pandemia de COVID-19 sobre a incidência da violência contra a mulher. O objetivo deste artigo consiste em demonstrar que embora a pandemia não faça distinção quanto ao contágio, esta realidade é vivenciada de forma diferenciada a partir de desigualdades históricas que constituem as relações brasileiras, aprofundando ainda mais o abismo entre homens e mulheres, historicamente construído e alimentado por um imaginário de dominação. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma análise bibliográfica referenciada por autores como SANTOS (2020), SOUZA (2020). Este itinerário resulta na constatação de que as contribuições da Psicologia no processo de enfrentamento da COVID-19 não serão eficientes sem considerar contextos pessoais, históricos e culturais.

Palavras-chave: Covid-19; Mulheres; Saúde Mental; Violência.

ABSTRACT - This research is about the impact of the COVID-19 pandemic on the incidence of violence against women. The objective of this article is to demonstrate that although the pandemic does not make any distinction regarding contagion, this reality is experienced differently from the historical inequalities that constitute Brazilian relations, further deepening the abyss between men and women, historically built and nurtured by an imaginary of domination. From a methodological point of view, this is a

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Salvador; Licenciado em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ; Mestrando pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.



Artigo

bibliographic analysis referenced by authors such as SANTOS (2020), SOUZA (2020). This itinerary results in the realization that the contributions of Psychology in the process of confronting COVID-19 will not be efficient without considering personal, historical and cultural contexts.

Keywords: Covid-19; Women; Mental Health; Violence.

INTRODUÇÃO

No dia primeiro de dezembro deste ano, haverá sido completado um ano desde que o primeiro caso de COVID-19 foi registrado em Wuhan, na China. Desde esta confirmação o que vemos assistindo em todo o mundo é uma verdadeira reviravolta em toda conjuntura de relações. A economia, as relações ecológicas, o acesso à internet, a relações desta com a educação, a situação da saúde pública no Brasil, representam alguns dos temas discutidos nos mais diversos campos dos saberes.

Até que se chegue a uma vacina e se despartidarize o debate sobre ela no Brasil, seguiremos assistindo uma guerra ideológica pautada pelos campos mais radicais de nossa sociedade, referenciada inclusive por governantes contra as recomendações da OMS para quem o isolamento social segue sendo, aliados aos requisitos de higiene pessoal, o fator mais importante para conter o avanço da transmissão do vírus. Talvez seja justamente este ponto que cause tantas discórdias por seu reflexo na economia e em vários níveis da vida em sociedade. Os vários debates promovidos por quem se opõe ao distanciamento social desconsidera que as dificuldades econômicas não são meramente resultados da pandemia e sim marca histórica desta nação e que teve sua visibilidade ampliada pela pandemia.

Partindo do pressuposto de que várias estruturas de desigualdades se fortaleceram e aprofundaram com a pandemia é que pautamos este trabalho sobre um destes aspectos: a desigualdade de gênero. É acessível a qualquer pesquisa rápida a constatação de que a violência contra a mulher sofreu e vem sofrendo uma escalada desde o mês de março quando se começou a recomendar o distanciamento social como recurso fundamental no enfrentamento da transmissão do vírus.

Com quase um ano desde que o primeiro caso surgiu e em meio à forma como o Brasil encarou a necessidade de enfrentamento do vírus, é fundamental que se traga à



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES
E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: 10.29327/213319.21.1-1

Páginas 6 a 17

Artigo

pauta a forma como o isolamento social tem impactado na saúde mental das mulheres posto que para muitas, a situação no núcleo familiar, constantemente ameaçador, ganhou um formato ainda mais perigoso e como se faz possível enfrentar esta realidade em vista de um ambiente que favoreça a saúde mental da mulher em meio às necessidades cotidianas.

A CRUEL PEDAGOGIA DO VÍRUS E AS MULHERES

Em abril deste ano, Boaventura de Sousa Santos apresentou seu novo livro chamado **A Cruel pedagogia do vírus** cuja leitura versa sobre a vulnerabilidade e como esta se agravou a partir da COVID-19. Em sua perspectiva, existem grupos cujo sofrimento se tornou muito mais denso a partir da situação diferenciada imposta pelo vírus. Estes grupos compõem o que o autor chama de *Sul* que de acordo com suas palavras é assim definido:

Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual. Proponho-me analisar a quarentena a partir da perspectiva daqueles e daquelas que mais têm sofrido com estas formas de dominação e imaginar, também da sua perspectiva, as mudanças sociais que se impõem depois de terminar a quarentena. (SANTOS, 2020.p.15).

O autor examina alguns dos grupos que compõem o assim chamado *Sul*, que em nosso entender corresponde às periferias existenciais mais profundas, local no qual a existência toca o grau zero. Pontos nos quais muitas vezes, o olhar da psicologia demora a chegar ou chega de modo superficial. Para nosso trabalho, traremos a condição da mulher em nossa sociedade e como a pandemia impactou em uma estrutura historicamente desfavorável para o feminino.



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: 10.29327/213319.21.1-1

Páginas 6 a 17

Artigo

FATORES QUE SUSTENTAM A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Pode se afirmar que a partir da década de 60 do século XX, vários movimentos de emancipação do feminino pautaram a luta contra a violência da qual a mulher sempre foi uma vítima histórica. Ainda que tenhamos muito o que avançar e sempre corramos o risco de regredir nesta pauta, é pertinente afirmar que ocorre uma maior visibilidade do tema da violência contra a mulher nos mais diversos campos de nossa sociedade.

Entre as muitas faces dessa luta, uma nos chama especial atenção por se fundar em um ponto de sustentação da sociedade do capital: a ideia de privado em oposição ao público. Esta percepção aplicada sobre as relações familiares solidificaram a crença de que a vida do casal era algo isento de qualquer tipo de interferência. Com o apelo de que “o pessoal é político” (COSTA, 2007, p. 52), movimentos de mulheres trouxeram o Estado para o debate sobre a necessidade de se assumir a responsabilidade por uma vida digna e sem violência.

Ao longo dos anos, essa noção antagônica entre público e privado acobertou as mais absurdas formas de violência que pesaram sobre as mulheres. Com o enfrentamento desta dicotomia, um questionamento se levanta: por que muitos homens acreditam que em sua vida eles dispõem do corpo e vida da mulher? Se a noção de vida privada favoreceu essa visão de dominação, o Patriarcado foi e vem sendo a forma de pensamento quem a modelou.

O Patriarcado como imaginário social de superioridade masculina e a sua implicação na noção de família monogâmica

A violência contra a mulher, cujos números se elevaram vertiginosamente desde o início da pandemia da COVID-19, deve ser examinada em seu contexto histórico pois este devidamente consolidado se revestiu de vigor com as medidas de isolamento social. E sobre seu contexto original, embora não tenhamos como promover um exame mais amplo, podemos pontuar o Patriarcado como elemento que nos ajuda na compreensão deste desafio. O Patriarcado se efetiva e permanece conduzindo os rumos da nossa sociedade devido à consolidação da monogamia primeiramente. Vários estudos nos



Artigo

antecedem e comprovam que há uma naturalização das relações familiares, inclusive mediada por valores religiosos, porém, historicamente a família como a conhecemos do ponto de vista religioso, sob o suporte biológico, é resultado de interações muito bem elaboradas nos liames da história, repletas de interesses e desta forma,

A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. (...) o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (ENGELS, 1984 p. 82).

O estabelecimento da monogamia como se conhece, historicamente sempre impôs à mulher o dever de fidelidade e de entrega total, associado durante muito tempo à uma irrevogável dependência financeira, sendo este um dos fatores mais marcantes entre as dificuldades para que mulheres rompam os laços em relacionamentos abusivos. Por outro lado, a sociedade sempre foi mais condescendente com a infidelidade masculina. É neste sentido que ENGELS (1984) constrói sua percepção sobre as relações entre monogamia e poder masculino posto que

A monogamia nasceu da concentração de grandes riquezas nas mesmas mãos – as de um homem – e do desejo de transmitir essas riquezas, por herança, aos filhos deste homem, excluídos os filhos de qualquer outro. Para isso era necessária a monogamia da mulher, mas não a do homem; tanto assim que a monogamia daquela não constituiu o menor empecilho à poligamia, oculta ou descarada, deste. (P.82).

Tomando como referência a perspectiva apresentada por ENGELS, ao falar sobre a constituição da monogamia como uma forma de opressão da mulher, entenderemos que no formato de relações familiares cujo imperativo é a reverência e submissão feminina, a monogamia institui o pleno domínio do homem sobre a mulher, apresentando-se como um fator fundamental a favorecer a violência doméstica.



Artigo

Estaremos por este caminho lidando com o imaginário coletivo que constitui as relações em nossa sociedade, em outras palavras, o Patriarcado como forma de relação entre homens e mulheres. Sobre este podemos dizer que deve ser

Entendido como o poder que o homem exerce por meio dos papéis sexuais –se constitui junto com as sociedades de classes, o que significa dizer que precede o modo de produção capitalista, e nele assume formas singulares de existência. Essa existência tão antiga do patriarcado, bem como as diversas faces que ele assume na história, valendo-se das diferenças culturais, históricas e de classes para se perpetuar, faz com que, às vezes, essa opressão – construída por meio de tão hábeis estratégias – pareça indestrutível. (SOUZA, 2015. p.477).

Embora o Patriarcado deva ser considerado historicamente uma construção muito anterior ao modo de produção capitalista, neste assume formatos sólidos de modo que os dois vivem uma relação simbiótica que nos leva a afirmar que a violência contra a mulher é algo inerente ao modo de produção capitalista, assim como é a violência de classe e de cor. Desta afirmação pode então se construir a conclusão de que a pandemia da COVID-19, embora seja uma realidade que atingiu todo o globo, é sentida de modo diferente a depender da classe social, da cor da pele e do gênero.

Situando essa reflexão no que diz respeito ao crescimento da violência contra a mulher, a pandemia impôs uma virada perigosa naquilo que havia sido conquistado pelas mulheres quanto à seu bem estar e vida livre de violência.

A Imagem da Mulher Cuidadora como fator de violência

Se por um lado o isolamento social é uma das formas apresentadas para conter a expansão do vírus, no contexto feminino este pode ter trazido o risco de um aumento dos riscos de violência. Isso acontece devido à imagem consolidada para a mulher dentro da estrutura patriarcal que aumentou o trabalho doméstico que em muitas situações ainda segue associado a uma jornada de trabalho.

Esta *imagem* construída a partir do lugar social feminino impõe à mulher a obrigação de cuidar de todos. Esse aspecto do dever cuidar atribuído ao feminino interfere diretamente na psiqué da mulher fazendo com que suas jornadas estejam



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: 10.29327/213319.21.1-1

Páginas 6 a 17

Artigo

modeladas a partir de tal noção tanto dentro de casa quanto nos vários espaços sociais. Temos como violenta qualquer imposição de obrigações sem que a pessoa a quem se obriga o cuidado não possua as mesmas condições de proteção e de autocuidado. Neste sentido, a violência se apresenta em um formato aparentemente sutil no núcleo familiar e no íntimo de cada mulher posto que

A violência não é percebida ali mesmo onde se origina e ali mesmo onde se define como violência propriamente dita, isto é, como toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural. Mais do que isso, a sociedade não percebe que as próprias explicações oferecidas são violentas porque está cega ao lugar efetivo da produção da violência, isto é, a estrutura da sociedade brasileira. (CHAUI, 2003, p. 52).

Este *dever* faz com que não seja permitido às mulheres em seus ambientes familiares vivenciarem o isolamento social porque cabe a elas, nessa perspectiva construída socialmente, as responsabilidades com a saúde de todos em casa. Nesse campo mais especificamente, o machismo mostrará suas mais diversas formas desde a não distribuição de tarefas domésticas até a violência física. Estas vulnerabilidades não foram criadas pela COVID-19, são anteriores e neste momento se ampliaram e se aprofundaram mediadas pelo novo contexto. Com isso, percebe-se que houve uma acentuação das desigualdades de gênero expondo ao limite a qualidade de vida das mulheres.

O trabalho doméstico que inclui o cuidado com a casa, com as crianças e com os idosos corresponde a uma sobrecarga ainda maior quando a mulher possui uma jornada de atividades laborais fora de sua casa. Esta sobrecarga, justificada pelo lugar social ocupado pela mulher, como resultado de uma imposição de uma sociedade patriarcal, tem como finalidade atingir a subjetividade a modelando a partir de valores que mantém esse padrão de sociedade posto que “É impondo ao corpo certas coerções que se atinge a subjetividade, a afetividade e o pensamento, no que ele tem de irredutivelmente singular e livre” (DEJOURS, 2011, p. 64).

Em situações cuja mulher não possui vínculos trabalhistas fora de seu cenário familiar, outros fatores surgem como ameaçadores porque se diminuiu as possibilidades



Artigo

de saídas, de recursos financeiros. A presença do abusador por mais tempo em casa, associada a todos estes fatores se tornou ameaça constante para muitas mulheres. Se internamente, o núcleo familiar pode representar uma constante ameaça, externamente outros elementos dificultam ainda mais a busca por alternativas de proteção porque o isolamento reduziu o contato com familiares e amigos, grupos de apoios.

A dificuldade financeira que fazia parte da vida de muitas famílias e que se agravou com a pandemia aumentou a dependência financeira, ampliando o silêncio da vítima. Mesmo a justiça impactada por este cenário de crise de saúde, não tem chegado a dar a melhor cobertura para a mulher. Este breve trajeto nos revela que o peso do enfrentamento da pandemia para uma mulher se torna ainda mais intenso por trazer outros elementos em seu bojo.

A imagem feminina, o trabalho e a violência

A imagem da mulher cuidadora faz com que elas ocupem majoritariamente profissões como enfermagem, serviço social as coloca na linha de frente do enfrentamento da COVID-19 nos espaços hospitalares mas também nos cuidados com idosos e doentes em recuperação. Neste sentido, a imagem da mulher cuidadora faz com que a guerra contra a pandemia seja quase unanimemente uma batalha de gênero porque 70% das equipes de trabalho em saúde e serviço social estejam compostas por mulheres ao longo do mundo.

Para além do campo da saúde poderemos destacar as mulheres em condição de professoras em seu cenário desafiador para a educação brasileira e nunca poderemos deixar de mencionar o campo mais extenso de atuação feminina: o trabalho informal ampliado nesta pandemia como tentativa de auxílio na renda própria e familiar.

Como o isolamento social aumentou o tempo de convivência no seio familiar, os níveis de estresses tendem a recair sobre a mulher vista como a responsável pela organização deste espaço. O caminho feito até aqui se torna importante para que compreendamos que a violência contra a mulher não se resume ao seu físico. Conforme expresso na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006, Artigo 5º), deve ser compreendido como violência contra a mulher “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006).



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES
E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: 10.29327/213319.21.1-1

Páginas 6 a 17

Artigo

Este breve enquadramento a partir do lugar da mulher na sociedade revela a necessidade de se discutir o impacto social sobre o universo feminino posto que a severa luta as mulheres por seus direitos enfrenta altos e baixos na realidade social e política brasileira. O feminino durante a pandemia segue sob a sombra e marcas da violência que tendo sido efetivada ou ainda não, termina por deixar a mulher em um contexto de imensa preocupação que só tende a se agravar enquanto o Brasil não sair do eixo mais grave da pandemia. Não se faz necessário grande esforço para entender que a forma como o Brasil tem enfrentado à pandemia é um combustível para o crescimento dos números da violência familiar que não conhece limites. Sobre isso, é importante destacar ainda que:

A violência de gênero, gerada na intimidade amorosa, revela a existência do controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas, evidenciando, ao mesmo tempo, a inserção diferenciada de homens e mulheres na estrutura familiar e social, assim como a manutenção das estruturas de poder e dominação disseminadas na ordem patriarcal. (BANDEIRA 2014 p. 459).

Em um cenário que se articula a partir da desigualdade de gênero, a pandemia ao se instalar termina por trazer além dos medos inerentes ao adoecimento, o sofrimento psíquico e físico oriundo da violência que embora esteja condensada em ambientes familiares e de trabalho, não pode deixar de ser vista como uma questão de ordem social.

A Psicologia e a construção de um novo cenário psíquico para a mulher vítima da violência e para as pessoas idosas

Após apresentarmos de modo panorâmico o desafio que a pandemia trouxe ao universo das mulheres no que tange todos os riscos de violência, pretendemos apontar alguns recursos que podem ser utilizados no enfrentamento destes imensos desafios.

A psicologia como recurso indispensável de amparo às vítimas da violência



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: 10.29327/213319.21.1-1

Páginas 6 a 17

Artigo

Ainda que nossa pretensão seja apresentar contribuições da psicologia no amparo às vítimas da violência doméstica, realidade que cresceu de modo assustador durante este período de pandemia, é preciso destacar que este é um trabalho conjunto. Primeiramente, deve ser destacada a necessidade de redes de apoio e neste sentido, a estrutura familiar e de amizade é a base de todo processo. Quando a psicologia explora e tenta fortalecer essas estruturas se abre perante a vítima uma possibilidade de encorajamento para enfrentar situações que ameaçam sua dignidade.

Abre-se aqui a possibilidade de ruptura do silêncio posto que este é uma arma poderosa a serviço do abusador. Outra linha de entendimento importante sobre o fortalecimento da vítima é o papel que a religião ocupa em sua forma de se autocompreender e compreender o casamento. Uma experiência religiosa libertadora assegura à mulher vítima da violência autonomia e liberdade. Quando se visualiza o terapeuta como aquele que recolhe todos os instrumentos que podem assegurar uma mulher entendimento e bem-estar na vítima se abre um processo totalmente novo. De acordo com SOUZA & SILVA (2019) este,

Quando a vítima consegue falar, expor sua subjetividade, a partir da experiência traumática, pode atribuir um novo significado à vivência armazenada, o que torna possível mudar a significação do sofrimento, e, assim, superá-lo. A mobilização interna as coloca em movimento de busca por ajuda nas redes de apoio social diante do desejo de romper com o ciclo de violência. (...), a escuta e o vínculo emergem como necessidades em saúde, sentidas e reconhecidas pelas vítimas. As mulheres que vivenciam violência referem à importância de ter alguém em quem possam confiar, alguém que possa ouvi-las e acolhê-las no serviço de saúde. Os vínculos sociais estabelecidos, (...), permitem às mulheres se sentirem amparadas o que é fundamental para o fortalecimento da vítima. (p. 160).

Com base no que foi exposto, torna-se impensável uma psicologia que vise atuar de modo isolado e muito mais impensável uma psicologia que se perceba neutra perante contextos sociais tão limitantes e dolorosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: [10.29327/213319.21.1-1](https://doi.org/10.29327/213319.21.1-1)

Páginas 6 a 17

Artigo

São inúmeros os desafios impostos pela pandemia da COVID-19 ao nosso formato de relacionamentos sociais, ecológicos, econômicos, religiosos e intrapessoais. Estamos todos imersos em um contexto de incertezas relativas ao futuro e de reais ameaças ao presente. Entretanto, é preciso destacar que em muitas situações, existem realidades que sofrem estes impactos de uma maneira mais severa.

Existem vários brasis dentro do Brasil e estes devem ser considerados em sua integridade. Há o Brasil dos que sem qualquer dificuldade podem manter o isolamento social sem qualquer tipo de prejuízo, o dos que lutam para manter o isolamento e o dos que não tiveram qualquer possibilidade de pensar sobre isolamento. Há ainda o Brasil das mulheres vítimas da violência e que passaram a conviver mais tempo com o agressor, com o silêncio e a distância de familiares e amigos.

Consideramos profundamente urgente que se veja o Brasil a partir do seu avesso, aquele aspecto que se luta para esconder. Neste trabalho, optamos por falar sobre o impacto da COVID-19 sobre mulheres vítimas da violência. Em seus diversos cenários, mulheres vivem contextos historicamente construídos a partir da negação e da exclusão. Esta sociedade não foi construída para dar lugar a mulheres, é como se este mundo não fosse para elas. Constatamos que com o advento da pandemia, aquilo que historicamente existia ganha ainda mais vigor e necessariamente precisa ser enfrentado.

Aquilo que não é discutido não é enfrentado e se não é enfrentado, permanece. Embora reconheçamos que poderíamos ter aprofundado mais ainda cada bloco do tema, percebemos que ao menos se abre um espaço provocativo para uma psicologia que não use de neutralidades farisaicas mas se aproxime samaritana do sofrimento presente no mundo e que certamente, após esta pandemia, precisaremos ainda enfrentar com mais vigor e coerência.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. M. **A violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** Sociedade e Estado, n. 29, v. 2, p.449-469, mai-ago, 2014.

BRASIL. **Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher.** Presidência da República, 2006.



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: 10.29327/213319.21.1-1

Páginas 6 a 17

Artigo

CHAUÍ, M. Ética, política e violência. In T. Camacho (Ed.), **ensaios sobre violência** (pp. 39- 59). Vitória: Edufes. 2003.

COSTA, A. A. A. (2007) O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In **H. P. Melo, A. Piscitelli, S. W. Maluf, & V. L. Puga (Eds.), Olhares feministas** (pp. 51-82). Brasília, DF: Ministério da Educação/Unesco.

DEJOURS, C. Violência ou dominação? In M. Souza, F. Martins, & J. N. G. Araújo (Eds.), **dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico** (pp. 57-72). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2011.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, do Estado e da Propriedade privada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1984.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOUZA, Marjane Bernardy ; SILVA, Maria Fernanda Silva da. **Estratégias de Enfrentamento de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica: Uma Revisão da Literatura Brasileira**. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a12.pdf>. Visitado em 1 de outubro de 2020.

SOUZA, José Neivaldo de. Covid 19 e Capitalismo: uma visão. In **Capitalismo e a COVID 19: um debate urgente**. Disponível em <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf> Visitado em 1 de outubro de 2020.

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. **Patriarcado e Capitalismo: uma relação simbiótica**. Brasília: Temporalis. Disponível em <file:///C:/Users/Patr%C3%ADcia/Downloads/Dialnet-PatriarcadoECapitalismo-5297864.pdf>. Visitado em 1 de outubro de 2020.



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: 10.29327/213319.21.1-1

Páginas 6 a 17

Temas em Saúde

Volume 21, Número 1

ISSN 2447-2131

João Pessoa, 2021

Artigo



A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: FATORES
E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

DOI: [10.29327/213319.21.1-1](https://doi.org/10.29327/213319.21.1-1)

Páginas 6 a 17